



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para o
Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

A MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR E AS DIFERENTES LINGUAGENS VISUAIS COMO ESTRATÉGIAS DE ENSINO MOTIVADORAS

Joseane de Souza Ramos¹

Universidade Federal de Pernambuco-UFPE
joseanesouza04@gmail.com

Silvana Paula Soares²

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
silpsoares@gmail.com

Daniel Vater de Almeida³

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
dhannyell@bol.com.br

Resumo: A motivação está presente em todas as ações humanas, até nos mais simples e corriqueiros atos. Na aprendizagem ela assume um papel ainda mais importante, pois garante a realização, envolvimento e permanência do indivíduo na realização de alguma atividade e/ou na busca por informações acerca da disciplina. A Geografia escolar se depara com o problema da falta de motivação por diversas razões. Dentre elas se encontra o tradicionalismo presente durante as aulas. O que não impulsiona ao aluno a questionar, a refletir sobre as questões propostas pela disciplina. Esse é um dos problemas que o ensino de Geografia enfrenta, e este trabalho discute o ensino de Geografia, enfatizando a motivação para aprender e finaliza abordando a importância das linguagens visuais e suas respectivas funções no ensino de Geografia, deixando claro que há inúmeros recursos para tornar as aulas motivadoras.

Palavras-chave: Motivação. Ensino de Geografia. Linguagens Visuais.

Introdução

O processo de ensino-aprendizagem é permeado de desafios que envolvem a relação professor-aluno. Nesse sentido, se insere a motivação como fator determinante para o andamento e a efetivação da aprendizagem, pois ela impulsiona o desejo à investigação e a busca por conhecimento.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia – UFPE

² Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Geografia - UFPE

³ Professor Doutor no Departamento de Métodos e Técnicas, Centro de Educação - UFPE

Segundo Gagné (1974), o ensino é a organização de condições que propiciem a aprendizagem. E precisa estar adequado para atenuar qualquer erro de percurso que venha a ocorrer, inclusive a falta de motivação e conseqüentemente a falta de envolvimento dos alunos, tido como um dos principais desafios a ser superado na aprendizagem.

Inúmeros são os casos de alunos/as que questionam a utilidade do estudo das disciplinas Geografia e História, mesmo com a tentativa de alguns professores de fazê-los entender o significado e suas aplicações no cotidiano.

Todavia, esse fato tem início bem antes do curso de formação de professores, no ensino fundamental I, pois muitos professores que atuam nesse ciclo não foram alfabetizados em Geografia, e os alunos darão continuidade aos estudos com deficiência das noções e elaborações conceituais geográficas. (CASTROGIOVANNI, 2010). Essa deficiência prossegue juntamente com falta de motivação em aprender a disciplina, e é papel do professor também o de desenvolver nos alunos o interesse pela disciplina, abordar os diferentes conteúdos de forma que faça sentido, e instigá-lo a pesquisa e a busca por informações.

Portanto, a importância desse trabalho se reflete na atualidade da problemática e pela recorrência do problema que impede a efetivação da aprendizagem se tornando uma tendência que se agrava a cada dia. E diversas pesquisas e estudos acerca da temática da motivação vêm sendo feitas, e nesse trabalho será tratado à perspectiva da motivação para aprender através da Teoria da Autodeterminação, assim como serão discutidos aspectos sobre o ensino de geografia e as linguagens visuais como alternativas motivadoras.

E objetivo da pesquisa é compreender a importância da motivação no ensino e aprendizagem de Geografia e abordar as diferentes linguagens visuais e suas respectivas funções no ensino e aprendizagem de Geografia.

Nesse sentido, a metodologia adotada para o objeto de estudo se dá através de revisão de literatura acerca das temáticas abordadas. Optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa como caminho a percorrer, diante do enquadramento da abordagem ao objeto de pesquisa, que enfatiza os aspectos sociais “(...) com universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.”

(MINAYO, 2009, p. 21). Levando em consideração que esse tema não pode ser mensurável, pois o “objeto de pesquisa qualitativa dificilmente poder ser traduzido em números e indicadores quantitativos.” (MINAYO, 2009, p. 21).

Motivação e motivação para a aprendizagem

A motivação é definida segundo Gagné (1974) como a razão que leva o indivíduo a realizar determinado ato ao invés de outro, ou seja, o querer ter a capacidade de fazer alguma coisa. E está presente desde os primeiros momentos de vida.

É uma teoria de domínio da psicologia, pois é um processo considerado psicológico em que interatuam características da personalidade do indivíduo e do ambiente no qual está inserido. (LENS, MATOS, VANSTEENKISTE, 2008). É de grande relevância para a educação, levando em consideração que se tornou um campo de estudo também pertencente a educadores, devido à motivação ter se tornado um problema que afeta aprendizagem.

Diante dessas considerações, pode-se compreender que a motivação é o que leva o indivíduo a ter uma determinada atitude ou comportamento de acordo com sua personalidade e o contexto social e ambiental no qual está inserido.

Há diversos estudos promissores que tratam desse tema inerente ao ser humano: a motivação. E, para aprendizagem se insere como caráter pessoal e definidor ao andamento e na realização das atividades escolares. E entender como ocorre e quais fatores propiciam a um ambiente motivador, no instante de rever e planejar as estratégias de aprendizagem é de total relevância. Atenua o risco do processo de aprendizagem ser mal sucedida. Pois uma das questões que mais afetam a aprendizagem e o desempenho escolar dos estudantes, de acordo com pesquisas realizadas nas últimas décadas é a motivação. (BORUCHOVICHT, 2008).

Segundo Boruchovitch (2008), não existe uma teoria única que embasa e/ou define a motivação para aprender, mas várias perspectivas que procuram teorizar esse campo do conhecimento sobre comportamento humano. Dentre essas teorias, a qual será abordada como referencial teórico desse trabalho é a Teoria da Autodeterminação. Essa

teoria é apontada como uma perspectiva importante na compreensão do envolvimento, persistência, desempenho dos estudantes no contexto escolar. (BZUNECK & GUIMARÃES, 2010).

Nesse sentido, o envolvimento do indivíduo nas atividades escolares é impulsionado, de acordo com a teoria da Autodeterminação, por três necessidades básicas: competência, autonomia e pertencimento ou vínculos sociais.

As três necessidades básicas descritas, são integradas e interdependentes, de modo que o desenvolvimento de uma fortalece a outra. A necessidade de autonomia é definida como as ações e decisões tomadas de acordo com os valores pessoais. A necessidade de competência se relaciona com a adaptação ao ambiente, aprendizagem e ao desenvolvimento cognitivo. A necessidade de pertencimento ou de vínculo centra-se na procura por relações sociais, com pessoas, grupos ou comunidades, buscando amar e ser amado. (SILVA, WENDT & ARGIMON, 2010). Cujas necessidades são intrínsecas ao ser humano, e para o seu desenvolvimento se faz necessário um contexto sociocultural propício.

É importante salientar que a motivação humana é tradicionalmente dividida entre motivação intrínseca e motivação extrínseca. Ambas encontram-se abordadas na teoria da Autodeterminação, numa relação dicotômica, ao qual corresponde a determinados comportamentos humanos. A motivação intrínseca se refere ao envolvimento pessoal numa atividade, a satisfação se encontra inerente à atividade. A motivação extrínseca exige uma instrumentalidade que impulsiona a realização da tarefa, um elo entre a atividade e o resultado que ela oferece. Nesse caso, a satisfação está no resultado, pois se realiza a tarefa na intencionalidade de alcançar e/ou obter o resultado e os benefícios oferecidos. (BZUNECK & GUIMARÃES, 2010).

Na perspectiva da teoria da Autodeterminação, o indivíduo se desenvolve gradual e naturalmente sua autonomia e a motivação intrínseca. A partir da resposta a reguladores externos e/ou internos. Esses fatores reguladores são a razão/motivo de realizar determinada ação. Dessa forma, permite identificar os diferentes tipos de motivação (intrínseca e extrínseca) e as consequências para aprendizagem, pois cada indivíduo apresenta uma intensidade diferente.

Ensino, aprendizagem e ensino-aprendizagem de Geografia

Para tratar do eixo ensino e aprendizagem desse trabalho, convém fazer uma perquirição acerca de seus conceitos e definições e abordar essa temática dentro do componente curricular da Geografia.

O processo de aprendizagem é condicionado por diversos fatores, e um deles é o ensino. Ou seja, o ensino é o processo onde se cria/busca condições para a aprendizagem ocorrer. (GAGNÉ, 1974).

Nesse sentido, a função de ensinar tem sua origem na determinação de condições específicas para aprendizagem. Pois ensinar significa organizar condições de aprendizagens. Tais condições precisam estar adequadas ao nível dos indivíduos ao qual serão aplicados de modo que promovam o desenvolvimento gradual e permanente. Ensinar implica em diálogo frequente do professor com aluno com o propósito de informá-lo sobre as atividades, bem como para recordá-lo do que já sabe e orientá-lo no cotidiano escolar. (GANÉ, 1974).

Convém salientar o que Freire (1996, p.12) diz que: “[...]ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção[...]”. Deixando claro que não cabe nesse discurso a palavra transmitir, passar conhecimento, mas a de veículo, meio, no qual são criadas estratégias mediadoras do conhecimento, reforçando a ideia supracitada de que ensino é o processo onde se cria condições para aprendizagem.

A explanação apresentada permite concluir que aprendizagem é o resultado do ensino, entendida como um processo psicológico que provoca mudança permanente no comportamento, que é resultado da experiência. (LEFRANÇOIS, 2008). A aprendizagem leva a transformação permanente do ser, ou seja, é transformadora e essencial.

Após a abordagem do ensino e aprendizagem de modo geral, tratar-se-á do ensino-aprendizagem de Geografia, componente curricular da educação básica. Antes de a Geografia integrar o currículo escolar ela é uma ciência, com dimensões de análise e objetos próprios. Uma ciência interdisciplinar que dialoga com diferentes áreas do conhecimento.

A Geografia escolar, segundo Callai (2010), cria condições para que o aluno se reconheça como sujeito integrante do espaço em que vive e estuda, e compreende que os fenômenos que ali acontecem são produto da vida e do trabalho dos homens em seu processo de construção da sociedade demarcada em seus espaços e tempos. Reitera que a ciência responde problemas produzidos pelos homens e a disciplina escolar ensina a desenvolver a capacidade de interpretar a espacialidade dos fenômenos.

O ensino é um processo complexo, composto por objetivos, conteúdos, métodos, em que se articulam na proposta de ensino que o professor planeja. Não sendo suficiente apenas o domínio da matéria. É necessário tomar posições sobre as finalidades da Geografia e enquadrá-la dentro desse modelo para que se cumpram essas finalidades. (CAVALCANTI, 2007).

Convém ressaltar a distância da Geografia acadêmica e a escolar, pois a maioria dos currículos e livros didáticos se encontram baseados na perspectiva tradicional. Causa estranheza nos professores, devido às discussões da academia estar muito afastadas do que eles ensinam nas aulas. (LABRA, 2012).

O tradicionalismo visto nas aulas de Geografia implica em resultados negativos, no que concerne o envolvimento e a disposição dos alunos em estudar e investigar a disciplina, pois não é atribuído significado aos conteúdos e conceitos abordados, justamente pela distância evidenciada entre os conteúdos e o cotidiano dos alunos. Nesse aspecto se insere os estudos sobre motivação, para auxiliar e responder questionamentos.

Para tanto, deve-se “superar os vícios de uma educação estática, inerte e ineficaz, investindo em uma educação com mais qualidade e criatividade.” (CASTELLAR, 2010, p. 39). Castellar nesse breve discurso ela relata o problema e sugere a solução. O problema é educação que não mobiliza, não desperta interesse e envolvimento dos alunos, com isso, não atinge seus objetivos. E a solução para isso é investir em educação em todos os aspectos, principalmente nos aspectos humano, pois “o trabalho docente não acontecerá com qualidade se não houver uma formação docente com sólidas bases teórico-metológicas e culturais.” (CASTELLAR, 2010, p. 41). A formação docente precária limitará a ação docente em aulas repetitivas e tradicionais, sem criatividade e estrategicamente pobres.

No que diz respeito à formação docente em Geografia é necessário superar a dicotomia existente entre a teoria e a prática. Todavia a prática deve fazer parte da teoria contribuindo para sua construção, concebendo a escola como o lugar onde ocorre a aprendizagem nas dimensões cognitiva, afetiva e cultural. (CASTELLAR, p. 2010). É na prática onde se efetiva a teoria, de modo que a associação de ambos compõe a formação do profissional, nesse caso, o docente.

O ápice da aprendizagem de Geografia é o indivíduo está apto para fazer a leitura de mundo, é essa função da Geografia escolar, contribuir para compreensão do espaço vivido, que entenda e interprete o contexto social, cultural, e político ao qual está inserido. Para Callai (2005, p. 228) “é fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tantas as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade.” Implicitamente, quer dizer, que a leitura de mundo é feita através do lugar, pois lendo o lugar, compreende-se o mundo.

O lugar é um dos constituintes básicos da Geografia enquanto ciência, onde se é imposto um sentido, uma personalidade ao ambiente, caracterizado a partir da experiência, ou seja, um mundo de significado organizado. (TUAN, 1983). É indispensável sua contribuição para o ensino de Geografia, e a leitura do espaço vivido. O aluno é (ou deveria ser) o ponto de partida para o estudo do lugar, indagando-o e problematizando-o sobre sua vida, seu bairro, a escola, a rua, a cidade e gradualmente ir ampliando o assunto a ser trabalhado.

Torna-se uma maneira de quebrar as barreiras do tradicionalismo e propor novas concepções teórico-metodológicas que permitam argumentar, interpretar e explicar o mundo e a realidade, a partir dos problemas que os alunos convivem, problemas sociais, econômicos, políticos, ambientais, são mecanismos que o levam realizar a leitura do mundo da vida, do espaço vivido e percebido cotidianamente. Sendo também uma forma de integrar o aluno ao conteúdo, e ele atribuirá significado, pois se sentirá fazendo parte dele. E dois fenômenos da aprendizagem e do comportamento humano ocorrem: a motivação intrínseca e aprendizagem significativa. Pois quando se é interiorizado um conteúdo de forma que faça sentido para o aluno, facilita o processo que o levará a motivação intrínseca, já abordado nesse trabalho, e conseqüentemente a aprendizagem será significativa. A aprendizagem significativa é alcançada quando o

aluno relaciona novos elementos de forma organizada aos elementos já apreendido, daí a importância de aproveitar o conhecimento prévio. E dessa forma o aluno consegue reproduzir o conteúdo que foi trabalhado a sua maneira.

Há diferentes tipos de alunos, melhor dizendo, há diferentes motivações. Há os que gostam de aprender por aprender, gostam de dominar dificuldade, superar obstáculos (motivados intrinsecamente) e há aqueles, cujo processo necessita de mais cuidado, e o professor com a função de ensinar reforça a decisão de aprender, pois ensinar é também estimular o desejo de aprender. Só se pode desejar compreender o ciclo da água, por exemplo, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos. (PERRENOUD, 2000).

O desafio se encontra em traçar um plano de ensino inovador com o propósito de tornar a geografia escolar significativa para os alunos. E os motivem a querer aprender. Mesmo que para isso tenha de enfrentar um debate epistemológico e pedagógico, com o objetivo de repensar o currículo não como uma transposição direta do currículo acadêmico para o currículo escolar. (CASTELLAR, 2010).

As linguagens visuais no ensino de Geografia como estratégias motivadoras

Diante da heterogeneidade presente no âmbito escolar, o qual cada aluno traz em si uma bagagem cultural própria, e o desafio que é imposto ao professor de dinamizar as aulas, para que elas sejam lúdicas e faça brotar no íntimo do aluno o desejo a aprender. O uso de diferentes linguagens torna-se uma solução viável ao professor de Geografia.

Para a aprendizagem geográfica, dispor de diferentes linguagens e recursos que estimulem e motivem o aluno é crucial. Fugir do tradicionalismo de aulas repetitivas que não forcem o aluno a refletir sobre o espaço é tarefa desafiadora.

Há inúmeras formas de propor uma aula estimuladora. Através do estudo do lugar, ao qual se propõe a Geografia tratar, as linguagens visuais assumem um papel importante. No sentido que ilustra conceitos, realidades, ideias, permite a reflexão do local de forma global e identificar a espacialidade dos fenômenos geográficos. Serão tratados nesse trabalho os desenhos, imagens e mapas, como principais recursos por cumprirem essas funções e serem importantes instrumentos didático-metodológicos.

Desenhos

Os desenhos e seu uso nas aulas de Geografia incorpora a função de ilustrar conceitos e conteúdos aproximando com o que os alunos possuem. Ao visualizar o aluno apreende de forma a criar seus próprios conceitos, realizando associações com o mundo vivido e percebido por ele.

O desenho tem sua importância na Geografia desde sua fundamentação, como elemento que tinha a função de registrar e estudar os lugares. Mas foi perdendo espaço com o advento do filme, fotografia, imagens de satélite, câmeras digitais e do computador, que aliam qualidade e agilidade num mesmo processo, porém sem a perspectiva original, artística e singular do desenho. (MIRANDA, 2005).

O desenho assume papel importante na Geografia e no seu ensino na educação básica, pois é método de abordagem e análise, que investiga a paisagem através das confrontações entre o assunto observado e os traçados que resultam da realidade. (MIRANDA, 2005).

Imagem

A imagem, por sua vez, é uma importante linguagem visual que assume a forma de estratégia de ensino motivadora. O uso de imagens de diferentes gêneros e objetivos, e decodificá-las é uma tarefa prazerosa, pois aproxima o aluno aos conceitos que ela expressa. Ao alcançar o domínio da leitura de imagens o aluno poderá redescobrir o espaço geográfico e compreender suas transformações ao longo da evolução da humanidade. É observando e comparando que os indivíduos podem se posicionar acerca dos fatos. Realizando a leitura crítica de imagens que é possível entender como as identidades são socialmente construídas. (GIRÃO & LIMA, 2013).

As imagens trabalhadas em sala de aula permite o confronto com os elementos da realidade. É preciso que o uso delas seja contextualizado com o objetivo que o professor pretende alcançar, e deixar claro aos alunos sua definição e sua função. Considerando que a função principal da imagem é explicar o que é inacessível na linguagem textual. (GIRÃO & LIMA, 2013).

Diante de tais elementos elucidados acerca do uso de imagens, convém enfatizar que um fato ilustrado tem muito mais força do que apenas contado por meio de

palavras. O impacto visual diminui o tempo de aprendizagem e permite abstrair e construir conceitos, levando a interpretação crítica do espaço geográfico.

Mapas

Enfim, chega-se o momento de tratar da linguagem visual mais representativa da disciplina Geografia: os mapas. A cartografia é uma ciência que integra a Geografia, a associação de ambas é quase inevitável. Os mapas são responsáveis pelo domínio espacial e a síntese dos fenômenos de um determinado espaço. Através deles, pode-se fazer a leitura do espaço e ter acesso a várias informações representadas de diferentes formas.(SIMIELLI, 1999).

Cavalcanti (2005) enfatiza que o uso dos mapas é um importante conteúdo do ensino por ser uma linguagem particular pertencente a Geografia. Representa análises e sínteses geográficas e permite a leitura de acontecimentos, fatos e fenômenos geográficos através de sua localização e dessa forma representa a espacialização dos fenômenos. A tendência do ensino da cartografia tem abandonado aulas convencionais que instiga o aluno a criação e construção de mapas, e partindo para atividade que desenvolvam habilidades de mapear a realidade e de ler realidades mapeadas, a finalidade é centrada em formar alunos mapeadores. E o uso desse recurso no cotidiano das aulas de Geografia auxilia desenvolver habilidades de observação, manuseio, reprodução, interpretação, correção e construção de mapas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como a disciplina Geografia é apresentada aos alunos é o fato que define o envolvimento e a disposição para aprender a disciplina. Pois é recorrente a forma estática e tradicional que é apresentada e abordado os conteúdos.

Esse trabalho se propôs a fazer uma perquirição sobre a motivação para aprender e o ensino de Geografia, e reafirmar que o uso de diferentes linguagens nas aulas cumprem a função principal do estudo do lugar e levar ao aluno a associações pertinentes de acordo com seu espaço de vivência. Provocando a reflexão e a espacialização dos fenômenos, diante dos objetivos que os desenhos, imagens e mapas e estão inseridos na Geografia.

Portanto, o uso de diferentes linguagens visuais surge como uma alternativa aos professores, com a tarefa de os auxiliarem na tarefa de ensinar e propor uma forma de ensino que alcance os alunos e seu espaço de vivência. E em resposta, os alunos se envolvem e apreendem os conceitos e conteúdos.

REFERÊNCIAS

BORUCHOVITCH, E. A motivação para aprender de estudantes em cursos de formação de professores. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 30-38, jan/abril. 2008.

BZUNECK, J. A., GUIMARÃES, S. E. R. A promoção da autonomia como estratégia motivacional na escola: uma análise teórica e empírica. In: BORUCHOVITCH, E., BZUNECK, J. A., GUIMARÃES, S. E. R. (Org.). **Motivações para aprender: aplicações no contexto educativo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, cap. 2.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

_____. Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E. M. B., MORAES, L. B. (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: formação didática. In: MORAIS, E. M. B., MORAES, L. B. (Org.). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de Geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de Geografia: prática e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. Ensino de Geografia e diversidade: Construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, S. M. V. (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNÉ, R. M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos editora S. A., 1974.

GIRÃO, O. LIMA, S. R. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia: ensino e pesquisa**, Santa Maria, v. 17, n. 2, p. 88-106, mai/ago. 2013.

LABRA, V. A. S. **Na busca de uma prática pedagógica crítica para o ensino de Geografia**. São Paulo, 2012. 223 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LEFRANÇOIS, G. R. Psicologia e aprendizagem. In: _____. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Cengage, 2008, cap. 3.

LENS, W. , MATTOS, L., VANSTEENSKISTE, M. Professores como fontes de motivação dos alunos: O quê e o porquê da aprendizagem do aluno. **Educação**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 17 – 20, jan/abr. 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, S. L. **O lugar do desenho e o desenho do lugar no ensino de geografia: contribuição para uma geografia escolar crítica**. 2005. 162 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2005.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, M. A., WENDT, G. W., ARGIMON, I. I. L. A teoria da autodeterminação e as influências socioculturais sobre a identidade. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 351-369, ago. 2010.

SIMIELLI, M. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A.(Org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

TUAN, Yi-Fu. Tempo e lugar. In: _____. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.